

TROUPE A TORTO E À DIREITO: TEATRO COMO LINGUAGEM POLÍTICA.

EJE: Mesa de Trabajo 4. Comunicación y Extensión.

AUTORES: *Isabella Miranda; Fábio André Merladet;*

CO-AUTORES: *Maria Barbosa; Rodrigo Santos; Paula Gontijo Martins.*

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Programa Pólos de Cidadania (Universidade Federal de Minas Gerais).

CONTACTOS:

Email: comunicacao.polos@gmail.com;

Tel. (+55 31) 34098676;

Web site: <http://www.polos.ufmg.br> e <http://twitter.com/polosUFMG>

RESUMO: O artigo tem por objetivo apresentar a “Troupe a Torto e a Direito”, um projeto de extensão do Programa Pólos de Cidadania, vinculado à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, que trabalha pela construção da cidadania valendo-se do teatro como instrumento de empoderamento de comunidades com histórico de vulnerabilidade social e como linguagem de denúncia e mobilização política.

INTRODUÇÃO:

De dentro da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, onde reina a ordem, os acadêmicos juristas, a seriedade, os ternos e a burocracia, um grupo de jovens atores de caras pintadas, roupas coloridas e instrumentos na mão saem às ruas, às vilas e favelas, aos tribunais e às escolas para falar sobre direitos,

sobre a Constituição e sobre os problemas sociais do país e das comunidades locais, utilizando uma linguagem teatral cômica, irônica e informativa.

A presença da Troupe a Torto e à Direito (Troupe)¹ naquele espaço de formação das elites intelectuais brasileiras e produção do alto saber acadêmico causa, no mínimo, espanto. O que pode o Direito ter a ver com o teatro? O que têm as leis a ver com esse bando de palhaços barulhentos e perturbadores da ordem? Quem foram os professores loucos que idealizaram, acolheram e orientaram esses estudantes?

Todas essas inquietações podem e devem ser buscadas em uma outra grande iniciativa originada na Faculdade de Direito, o Programa Pólos de Cidadania (Pólos), da qual faz parte a Troupe e mais vários outros projetos que visam a discussão da democracia e da Constituição para além dos muros da Universidade, a efetivação dos direitos fundamentais e a promoção da justiça social.



Intervenção da Troupe na Vila Acaba Mundo. Esquete “Côco da Regularização Fundiária na Vila Acaba Mundo”.

O PROGRAMA PÓLOS DE CIDADANIA:

¹ “Antes do trabalho da referida troupe, duas experiências aconteceram na Faculdade de Direito da UFMG, foram elas: troupe *SemSanção* (encontro espontâneo de estudantes e militantes políticos que se uniram, num espaço independente, por descontentamento com os rumos da política estudantil) e o *Jurisdrama* (trabalho elaborado pelo Professor Roberto Muniá da UFRJ e primeira tentativa do Programa Pólos de apostar na prática teatral como estratégia de ação).” (NICÁCIO, 2008).

Criado em 1995, como um projeto da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, o Programa Pólos de Cidadania (Pólos), por sua metodologia, tem possibilitado a inter-relação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, para a defesa, promoção e efetividade dos direitos fundamentais e da cidadania, por meio da inclusão social e da emancipação de grupos sociais com histórico de exclusão e trajetória de risco.

Interinstitucional e interdisciplinar, o Pólos atua em parceria com outras instituições públicas e privadas de ensino superior e da administração pública e envolve professores, graduandos, pós-graduandos e profissionais de diversas áreas do saber: Direito, Ciências Sociais, Comunicação, Demografia, Administração, Economia, Psicologia, Arquitetura, Administração, Serviço Social, Urbanismo e Teatro. Além de envolver nas suas ações instituições governamentais e não-governamentais parceiras.

O Pólos, tendo como orientação central a cidadania e os Direitos Humanos, trabalha a partir de diversos núcleos temáticos conexos:

- 1) Minimização de Violências: a) ações junto à comunidade com a constituição de Núcleos de Mediação e Cidadania que desenvolvem o processo de mediação e de discussão coletiva de problemas com atuação diretamente nos aglomerados da Serra e Santa Lúcia, em Belo Horizonte; b) Projeto Escola que Protege, que atua para o fortalecimento das redes de proteção à criança e ao adolescente;
- 2) Direito à Cidade: atua em diversas frentes para a promoção do direito à moradia das populações com trajetórias de risco e irregularidade fundiária, além de se envolver em movimentos que buscam pensar modelos de cidade mais justas, igualitárias, sustentáveis e promotoras do bem-estar. Atualmente o núcleo desenvolve o Projeto Vila Acaba Mundo, que age no sentido de promover a regularização fundiária sustentável e a geração de renda para a população da Vila através da Economia Solidária; o projeto de acompanhamento e pesquisa dos impactos do programa de urbanização de favelas “Vila Viva”; o acompanhamento e auxílio jurídico a comunidades desalojadas de suas casas compulsoriamente por empresas e pelo poder público; participação no Comitê Popular dos Atingidos pela Copa do Mundo em 2014, que visa acompanhar o processo de transformação da cidade para o mundial e impedir as violações de direitos nesses contextos.
- 3) Trabalho e Geração de Renda: que acompanha e auxilia a formação de associações produtivas ligadas à Economia Solidária em Belo Horizonte e no Vale do

Jequitinhonha com os objetivos de geração de renda e fortalecimento de grupos de mulheres e jovens;

4) Arte e Cidadania: conta com três vertentes de atuação: a Trupe A Torto e a Direito que realiza montagem de peças teatrais (com dramaturgia específica de teatro de rua), para a mobilização social e cultural das comunidades onde o Pólos atua, ampliando a discussão de temas relacionados com os direitos humanos que sejam relevantes para essa população. O acompanhamento do Grupo de Teatro Murion composto por adolescentes de 12 a 18 anos que residem no município de Padre Paraíso no Vale do Jequitinhonha e apresentam um histórico de vulnerabilidade social e econômica, e o acompanhamento do grupo teatral Morro Encena composto por mulheres residentes na Favela da Serra em Belo Horizonte.



Apresentação do esquete “Frango com Maracutáia” sobre especulação imobiliária na Vila Acaba Mundo. Ao centro Professor e Diretor Fernando Limoeiro.

O trabalho do Pólos sempre teve o objetivo de levar os alunos da universidade a atuarem em contextos sociais de exclusão e pobreza fazendo-os perceberem a existência de injustiças sociais que exigem mudança. Esse contato possibilita aos alunos o diálogo com saberes não-universitários, a reflexão e a aplicação prática do que lhes é ensinado em sala de aula, complementando sua formação e humanizando sua visão de mundo.

Além desse caráter pedagógico, o Pólos tem como principais objetivos específicos: “instrumentalizar e viabilizar a atuação de grupos, organizações e movimentos da

sociedade civil e das comunidades periféricas na defesa dos direitos de cidadania; promover a discussão com a população acerca de direitos, deveres e garantias constitucionais e dos meios de exercício dos mesmos; promover a solidariedade, a empatia, o pluralismo e a organização participativa na comunidade como forma de consolidação do Estado Democrático de Direito”. (CIDADANIA, Programa Pólos de)

A atuação do programa caracteriza-se pelo envolvimento ativo da própria comunidade em uma atuação interativa e emancipadora, com o objetivo de redução dos índices de pobreza urbana da vulnerabilidade social. Por meio da metodologia da Pesquisa-ação, o programa realiza investigações e atuações em interação com as comunidades envolvendo-as em todo o processo. A partir dessa metodologia, pretende-se que os participantes dos grupos sociais se tornem sujeitos ativos, emancipados e transformadores da própria realidade e não meros destinatários de ações externas. Fomenta-se o exercício da cidadania por meio da viabilização de parcerias entre a academia, instituições e comunidades, buscando a efetivação de processos democráticos que respeitem a pluralidade social e a participação comunitária.

Embora carreguem os mesmos princípios metodológicos e objetivos semelhantes, cada um dos núcleos do Pólos tem sua maneira peculiar de atuar e todas elas contribuem para o conjunto do programa. A Troupe a Torto e à Direito é estreitamente vinculada às temáticas de todos os outros núcleos e trabalha em constante associação à eles desenvolvendo peças e esquetes teatrais para auxiliar na formação e discussão de temas socialmente relevantes, além de ser um importante veículo na mobilização das comunidades. Não é por acaso que a Troupe é carinhosamente denominada como “A voz do Pólos”.

A TROUPE A TORTO E À DIREITO:

Há treze anos se escuta retumbar o som vindo do sexto andar e do auditório principal da Faculdade de Direito. É a Troupe a Torto e à Direito que vem criar e apresentar novas peças e esquetes que promovem o diálogo e a mobilização das pessoas e das comunidades na busca por seus direitos e pela construção da verdadeira cidadania.

A “Troupe a Torto e a Direito” é dirigida pelo professor de teatro, diretor e dramaturgo Fernando Limoeiro, que possui um conhecimento magistral da cultura popular brasileira e se engaja em um teatro que exerce uma função política, informativa e transformadora. Ela é também composta por uma equipe interdisciplinar,

com estudantes de teatro, direito, ciências sociais e outros. Apesar de abarcar atores profissionais e amadores o trabalho da trupe é realizado com muita seriedade e profissionalismo e há uma constante preocupação pelo aprimoramento artístico do grupo. Um dos principais ensinamentos de Fernando Limoeiro aos seus alunos e orientandos é: _ Teatro é difícil, muito difícil, bastante difícil! – Quem quer que passe pela Troupe logo percebe que sim, teatro é um exercício coletivo que envolve compromisso, sensibilidade, treinamento, criatividade e muita energia. É um exercício de Disciplina que liberta.

Augusto Boal, um dos maiores teatrólogos brasileiros, criador do Teatro do Oprimido, bem lembra que “Disciplina e Liberdade: gêmeas inseparáveis, vivem as turras! (...) Para que seja possível qualquer atividade em equipe, a Disciplina é indispensável (...) na construção, disciplina é obrigatória! (...) Rompeu-se a disciplina: missão cumprida – chegou a vez da Liberdade”. (BOAL, 2003)

A atuação da Troupe visa problematizar, por meio de esquetes teatrais, temas socialmente relevantes a partir das pesquisas e da prática das frentes do Programa Pólos de Cidadania. A mensagem passada através do jogo dramático toca a emoção, estimulando a reflexão e a melhor percepção do conteúdo da proposta do Pólos. São fundamentais para o desenvolvimento, continuidade e catalisação de suas atividades as apresentações teatrais que permitem maior facilidade de comunicação com as comunidades envolvidas e possibilita o re-pensar, a partir da esfera lúdica, problemas básicos que afetam essas populações.



Apresentação da Troupe a Torto e à Direito no Vale do Jequitinhonha. Esquete “Não sou boneca”, sobre violência sexual contra crianças e adolescentes

A metodologia de produção das peças teatrais envolve múltiplos atores. Participam os integrantes da Troupe, os extensionistas do Programa Pólos, o diretor Fernando Limoeiro e as próprias comunidades que são ouvidas e suas contribuições são incorporadas à dramaturgia. Quando impecáveis do ponto de vista ético, estético e político, com a linguagem e a imagem adequadas ao público alvo, as esquetes são apresentadas em escolas, vilas e favelas, reuniões de movimentos sociais, órgãos do Estado, sempre precedendo as discussões sobre as problemáticas por ele abordado.

Outra ação importante da frente Arte e Cidadania é o processo de formação teatral do Grupo Murion, em Padre Paraíso, no Vale do Jequitinhonha, interior de Minas Gerais; e a formação do grupo Morro Encena na Favela da Serra em Belo Horizonte.

O primeiro grupo, Murion, é formado por adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social. O grupo existe desde 2006 e tem crescido e se destacado cada vez mais dentro dos festivais, eventos e apresentações de teatro no Vale do Jequitinhonha. Nos anos de 2008 e 2009, financiado com recursos da PROEXT, o Pólos executou o projeto “Arte e Cidadania no Jequitinhonha”, que se desenvolveu por meio de oficinas periódicas ministradas por alunos do Teatro Universitário integrantes do PÓLOS e do acompanhamento do professor/educador da região Armando Ribeiro.



Apresentação do Murion em Padre Paraíso. Produção teatral baseada no cordel de J. Borges “Os Projetos de Seu Lunga para quando for prefeito”, que denuncia as promessas e os atos inescrupulosos dos políticos.

Toda a metodologia utilizada na capacitação técnico-teórica estruturou-se em uma relação dialógica que permitiu renovações e recriações para atender aos objetivos propositivos da dramaturgia específica para o teatro de rua, sempre tendo em vista a contínua adaptação à realidade dos jovens do município de Padre Paraíso.

Foram desenvolvidas técnicas de teatro e exercícios para o desenvolvimento da expressão corporal e sentimental dos membros do grupo e discussões e reflexões sobre a realidade do Vale do Jequitinhonha, do universo juvenil e da arte popular com ênfase na literatura de cordel. O projeto culminou em diversas atividades realizadas pelos integrantes do Pólos e pelos adolescentes do Grupo de Teatro Murion. No Vale do Jequitinhonha foram realizados recitais de poesias e dois espetáculos baseados em obras da literatura de cordel: “O Batizado do Gato”, de Arievaldo Viana; e “Os Projetos de Seu Lunga para quando for prefeito”, de J Borges. Todo o processo foi protagonizado pelos jovens do grupo que cuidaram da organização, dos preparativos, da produção e da mobilização da comunidade para esses eventos. Os integrantes do Pólos, por sua vez, procuraram tornar pública a experiência do projeto por meio de apresentações no II Congresso Mineiro de Extensão em Direito e na Semana do Conhecimento e Cultura UFMG 2009 onde obteve Menção Honrosa em Extensão Universitária e o prêmio de Destaque Acadêmico em 2009.

Atualmente um novo projeto está em curso o projeto “A Torto e a Direito” que dá continuidade às ações do Pólos com o Grupo Murion. Neste momento se desenvolve a capacitação em teatro de bonecos e a criação, pelos próprios jovens, de um esquete que se refere à realidade de suas vidas e do lugar.



Menina em Padre Paraíso - MG

Foi selecionada pelos integrantes do Murion a temática da exploração sexual de jovens e adolescentes, que é um dos problemas pungentes na região.

Iniciou-se também nesse ano (2010) o acompanhamento do grupo teatral Morro Encena, formado por mulheres, mães e trabalhadoras que vêm no teatro uma forma de transformar a comunidade em que vivem sendo protagonistas na cena cultural do país. Está sendo preparado um espetáculo baseado na literatura de cordel.

Tanto na produção de esquetes teatrais da Troupe a Torto e à Direito, quanto no acompanhamento dos grupos teatrais acima referidos é respeitada a metodologia

do Pólos que busca ser coerente com os marcos teóricos: de cidadania, emancipação e subjetividade.

Por cidadania se entende a democratização de relações para sustentação da diversidade étnica, religiosa, de gênero, sócio-econômica ou de qualquer outro tipo (GUSTIN, 2005). A subjetividade, corresponde à capacidade de autocompreensão e de responsabilidade do indivíduo em uma demonstração de competência criativa que permita a expressão de uma personalidade autônoma e crítica frente aos problemas sociais (GUSTIN, 2005). A emancipação, por sua vez, se refere à capacidade de permanente reavaliação ou rompimento com as estruturas opressoras (sociais, políticas, culturais e econômicas) com o propósito de ampliação das condições jurídico-democráticas e de aprofundamento da organização e do associativismo. Emancipar-se é garantir a efetivação das lutas democráticas que se iniciam na própria comunidade para sua inclusão efetiva no contexto social mais abrangente (Ibid.).

Na esfera da arte, e mais especificamente no teatro, lutar por esses ideais significa fazer da prática teatral um diálogo, tal como este é entendido por Paulo Freire: uma ação e reflexão fruto do encontro horizontal de seres humanos para pronunciar o mundo e transformá-lo ao mesmo tempo. Onde há dominação, não há diálogo e para que o teatro seja libertador é necessário colocar os sujeitos como protagonistas e não meros espectadores de um monólogo dramático. Para isso, é necessária uma metodologia teatral dialógica e democrática. Estas características podem ser encontradas nas propostas dos teatrólogos Augusto Boal e B. Brecht.

O Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal parte do pressuposto de que devem ser rompidas as barreiras entre os atores e espectadores, o povo deve ser ao mesmo tempo coro e protagonista e deve representar as necessárias transformações da sociedade. A metodologia do TO reúne Exercícios, Jogos e Técnicas Teatrais para a desmecanização física e intelectual que possibilitam a reflexão crítica, a desocultação de todas as formas de opressão, o estabelecimento de relações mais horizontais, a promoção de um pensamento múltiplo que inclua a subjetividade dos sujeitos populares e a construção de uma ética da liberdade e da esperança fundada na idéia de que a realidade como está dada não é um destino irremediável e de que é possível construir um mundo mais justo e solidário.

O dramaturgo B. Brecht postula que o teatro deve “educar divertindo e divertir educando”, para cumprir a tarefa de focar de forma inovadora os problemas da comunidade, sejam eles de ordem social, política ou psico-afetiva, além de trazer para a sua linguagem todas as manifestações culturais e artísticas da realidade que retrata. No entanto, para isto, é necessária a formação de atores aptos para o jogo teatral.

Sem tal formação técnica e estética, a proposta teatral se perderá ou resultará em montagens de pouca aceitação. Vale ressaltar que o processo de educação pelo teatro propicia disciplina, estímulo à leitura e sentido de coletividade. Unindo criatividade com ética, estética e ativismo político, o teatro se torna um poderoso instrumento de diversão e transformação social.



Troupe em Santana do Araçuaí – Vale do Jequitinhonha.

A construção da forma de trabalhar da Troupe a Torto e à Direito e do Programa Pólos de Cidadania são frutos de um esforço coletivo que envolve as comunidades, os extensionistas que já passaram pelo programa, e principalmente, os professores que, com muita coragem, protagonizaram a extensão na Faculdade de Direito da UFMG. Este esforço de pensar em como levar a discussão sobre leis, cidadania e direitos para além dos muros da academia, de pensar em como colocar os saberes universitários a favor da Vida, podemos atribuir a duas grandes figuras que fazem da Troupe e do Pólos o que eles são hoje.

Para concluir esse texto, nós, extensionistas do Programa Pólos, rendemos homenagem à Doutora e Professora de Direito Miracy Barbosa de Sousa Gustin, fundadora e grande inspiradora do Programa Pólos de Cidadania, que nunca deixou de se preocupar com a efetivação da cidadania e da justiça social; e ao Professor de

teatro, diretor e dramaturgo Fernando Limoeiro, que possui um conhecimento magistral da cultura popular brasileira e se engaja em um teatro que exerce uma função política, informativa e transformadora.

Sem essas duas grandes figuras que acreditaram e abraçaram a causa do Teatro político, a favor da efetivação de direitos, da emancipação, da justiça social e do protagonismo das comunidades e das classes populares, jamais poderíamos estar hoje relatando essa experiência de Libertação através do Teatro, da qual tanto nos orgulhamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 347 p

BOAL, Augusto. **Teatro de Augusto Boal**, 1.. São Paulo: HUCITEC, 1986. 261p.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 210p.

CIDADANIA, Programa Pólos de. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005.

NICÁCIO, Antônio Eduardo Silva. A torto e a Direito: uma experiência teatral emancipadora. In: PEREIRA, Flávio Henrique Unes; DIAS, Maria Tereza Fonseca (Org.). **Cidadania e inclusão social: estudos em homenagem à Professora Miracy Barbosa de Sousa Gustin**. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

STANISLAVSKI, Konstantin. **A construção da personagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: 1976. 316p

STANISLAVSKI, Konstantin. **A criação de um papel**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987 287 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1994.